



TDICS E CRIANÇAS EM TERRITÓRIOS NÃO HEGEMÔNICOS

Riva Resnick

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (Brasil)

Endereço eletrônico: rivacohen05@gmail.com

Flavia Mendes de Andrade e Peres Brasil

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE (Brasil)

Endereço eletrônico: flavia.peres@ufrpe.br

2802

INTRODUÇÃO

A pandemia por Covid19 provocou perdas intensas e de efeitos prolongados que apenas estamos começando a perceber. Uma das consequências foi o aprofundamento do fosso das diferenças entre as condições de vida de sujeitos, diretamente relacionada com a radicalização de diversas crises sociais. Entre os mais afetados encontram-se as crianças.

Desse contexto pandêmico, eis que a espécie humana, compelida a lutar contra o vírus pela sobrevivência, também se transmuta e busca em sua complexidade formas de subsistência. É possível aqui enxergar cautelosamente uma dimensão não negativa deste evento tão devastador, se pensarmos no potencial de transformação emergente no contexto atual, advindo da constatação de nossa vulnerabilidade como espécie. As tecnologias digitais, firmadas em um nível de distribuição e disseminação em várias esferas do cotidiano, ganharam realce para manutenção da organização da sociedade e, especificamente, para mediações nas interações dos sujeitos com a cultura, mas também com a natureza.

Há um paradoxo nesta relação entre pandemia, tecnologia e natureza, uma vez que, para sobreviver como espécie no mundo, a humanidade acaba por distanciar-se cada vez mais de seus vínculos com essa natureza que lhe constitui. Artefatos culturais de grande complexidade lógica, simbólica, como as tecnologias digitais, são exemplos desses distanciamentos ou disrupções na forma como os sujeitos humanos, ao passo que se distanciam, também se integram como espécie, no meio ambiente.

Realça-se que, nesse sentido, também se distingue a vulnerabilidade infantil, compreendendo as crianças, em especial as bem pequenas e interseccionadas por condições de classe, gênero e etnia, como aquelas que sofrem impactos diretos das



práticas com tecnologias, ou pela imersão em contextos extremamente digitalizados, ou pela dificuldade de acesso a tais contextos, em um mundo que caminha para processos de digitalização não vistos em outros momentos históricos.

Este estudo busca refletir sobre práticas científicas de metodologias participativas e não-hegemônicas em pesquisas acadêmicas com/sobre crianças, como fórum semeador de espaços na defesa dos direitos infantis e seu pertencimento a territórios específicos, suas memórias e ancestralidades.

A perspectiva selecionada é também um posicionamento em defesa dos espaços de construção de conhecimento das crianças camponesas, indígenas, quilombolas. Compondo, para além do direito constitucional destes sujeitos, sua importância enquanto potência na construção do conhecimento humano e na manutenção de memórias bioculturais, que forneçam condições de produção de sentidos sobre o meio ambiente, sem excluí-los de práticas com tecnologias digitais. Para tanto, tenta-se articular os estudos sociais das infâncias aos trabalhos do grupo de pesquisas Desenvolvimento Educacional de Multimídias Sustentáveis - DEMULTS-CNPq (PERES et al. 2020), referentes às abordagens não-hegemônicas na pesquisa com esses sujeitos e suas infâncias em territórios diversos.

O diálogo teórico ancora-se na convergência entre referenciais nas vozes da Sociologia da Infância (ABRAMOWICZ & OLIVEIRA,2010; CORSARO,2011; PROUT,2010; QVORTRUP, 2010; SARMENTO,2002; 2005; 2015; FERREIRA & NUNES,2014) e da Psicologia Histórico-Cultural (VIGOTSKI, 2001; LEONTIEV, 1978), buscando um diálogo a partir de um axioma biocultural, e suporta uma reflexão que suscita uma investigação bibliográfica em bases de dados científicas, acerca do impacto das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) na Educação Infantil (EI) durante a pandemia Covid 19, em específico no que tange a crianças em territórios não hegemônicos no Brasil, como camponeses, quilombolas e indígenas.

METODOLOGIA

Para este recorte iniciamos uma pesquisa com revisão sistemática da literatura na área, com buscas nas bases acadêmicas Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Periódicos da Capes buscando identificar evidências de utilização de tecnologias digitais durante o período da pandemia nas/paras as pesquisas acadêmicas sobre EI, com foco nas crianças quilombolas/indígenas/camponesas. Os descritores



utilizados neste primeiro momento são: criança, indígena/quilombola/campo, tecnologia, digital e pandemia. Estes descritores puderam ser localizados em qualquer dos índices. Os resultados da busca foram sumarizados da seguinte forma:

Descritores: Pandemia, criança, quilombola, tecnologia e digital - 5 trabalhos encontrados;

Descritores: Pandemia, criança, indígena, tecnologia e digital - 26 trabalhos encontrados;

Descritores: Pandemia, criança, campo, tecnologia e digital - 98 trabalhos encontrados.

Note que um mesmo trabalho pode resultar em mais de uma busca. A triagem inicial destes resultados indicou 30 trabalhos na área educacional.

Os dados são construídos com base na ADD, que tem nos trabalhos do círculo de Bakhtin forte respaldo para uma reflexão metodológica analítica que considere as arenas de disputas ideológicas nos enunciados (FARACO, 2003; MEDINA, 2014). Cada enunciado seria um elo em uma cadeia dialógica ininterrupta, que responde a enunciados anteriores e antecipa, com pressuposição de alcances discursivos, as respostas futuras. Evidenciaremos, do possível jogo de enunciados nas publicações analisadas na pesquisa bibliográfica em foco, as vozes sociais preponderantes, e seus componentes ideológicos.

Com base nos resultados das buscas, indicaremos aspectos dos fundamentos teóricos ao método da pesquisa, e em que medida tais pesquisas convergem ou divergem de processos dialógicos com sujeitos de territórios não hegemônicos, como o lugar de suas vozes nos trabalhos encontrados na busca. Discute-se com aprofundamento nos resumos dos trabalhos encontrados, com especial atenção para quais os sujeitos de tais pesquisas e quais as metodologias de escuta desses sujeitos, em especial as ferramentas utilizadas. O objeto de estudo na metalingüística bakhtiniana (BAKHTIN, 2002) é o enunciado, conceituado a partir de algumas particularidades como: alternância de enunciadore; juízo de valor e pressuposição de alcances; projeto de discurso e formas típicas de acabamento; contemplação de um todo de sentido, mas com inacabamento e incompletude; dialogicidade.

Uma vez que na perspectiva da ADD o lugar dos pesquisadores precisa ser compreendido em sua dimensão exotópica em relação ao lugar de sua existência como sujeitos, e assim, a como respondem a suas questões de pesquisa, temos na presente pesquisa algumas expectativas de vozes que poderiam ser evidenciadas nos resumos e,



uma vez não sendo evidenciado enunciado que dialogue com as expectativas discursivas da pesquisa em foco, serão também enfatizadas as categorias que implicam ausências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento da submissão deste trabalho, esta pesquisa encontra-se num estágio ainda muito inicial. Nesta fase, identificamos aspectos das buscas que precisam ainda ser reavaliados para fortalecer as análises subsequentes, já que relevo especial é dado as "ausências" de expressões de sujeitos.

Uma importante discussão que emerge da investigação está na ausência de trabalhos que dialogam com a perspectiva das infâncias não hegemônicas, o resultado de nossas buscas sobre crianças indígenas, quilombolas e do campo, não apenas retornaram um baixo número de trabalhos mas também trouxeram um aspecto preocupante: da análise inicial dos resumos e metodologia, não foram encontradas menções explícitas ou relevantes com respeito a tais infâncias, indicando uma ausência dessas vozes sociais no cenário das pesquisas no Brasil. Não foi possível identificar até o momento, elementos neste trabalho que dialoguem com a realidade de sujeitos quilombolas, do campo ou indígenas para as pesquisas sobre tecnologias digitais, aumentando um fosso que as exclui e separa de movimentos de inclusão social.

Para completar a construção dos dados e embasar as análises usamos os estudos do DEMULTS e, especificamente, para este recorte envolvendo o conceito de memória biocultural, entendemos que os ciclos de pesquisa-ação apresentados por esse grupo de pesquisa, é um referencial que contrabalança as ausências. Isto porque as pesquisas apresentadas com base no DEMULTS enfatizam a participação de sujeitos de escolas da educação do campo, logo em contextos não hegemônicos, para desenvolvimento de artefatos digitais. Apesar de mencionar que a metodologia de desenvolvimento de artefatos digitais viabilizada nas atividades do DEMULTS dialoga com outros contextos não hegemônicos, ainda não há trabalhos com indígenas e quilombolas.

Os trabalhos do DEMULTS, promovendo relações de transformações intersubjetivas dos/nos sujeitos envolvidos, alinhados ao pensamento da memória biocultural assentado em "sabedorias localizadas, que existem como consciências históricas comunitárias" (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 41), contruibui para preservação de espaços de construção de saberes implicados na diversidade na ciência.

2805



CONCLUSÕES

Nas perspectivas de resistência numa sociedade devastada por dicotomias e desigualdades orienta-se o olhar na direção da construção de conhecimentos complexos para além de uma ciência fundada em processos hegemônicos. O trabalho com crianças pequenas clama por metodologias não hegemônicas. Os resultados, ainda em construção, desta análise indicam que há um espaço privilegiado para a utilização dos estudos do DEMULTS para a construção de metodologias de pesquisa com crianças engajadas na defesa dos direitos infantis. No encontro com modelos tecnológicos emergentes vislumbra-se uma nova educação que se forma nas discussões acadêmicas também estas impactadas pelo contexto tecnológico. Uma educação em uma dinâmica relação dialógica de transformação entre os sujeitos e seus entornos.

2806

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Quilombola. Indígena. Camponesa. Tecnologia.

REFERENCIAS

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. Revista do Centro de Educação, Local, v. 35, n. 1, p. 39-52, jan./abr. 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Martins Fontes. 2003.

CORSARO, W. A. Sociologia da Infância. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

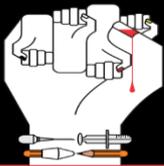
FARACO, C. A. (2003) Linguagem e diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar edições.

FERREIRA, M.; NUNES, A. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 103-123, jan./abr. 2014.

LEONTIEV, A.N. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MEDINA, L. El análisis dialógico del discurso: analizar el discurso sin olvidar el discurso. CANALES CERÓN, Manuel (Coord.) Escucha de la escucha. Análisis e interpretación en la investigación cualitativa, Santiago: LOM ediciones, 2014.

PERES, F., FALCÃO, T., MORAIS, D., OLIVEIRA, G. DEMULTS: Desenvolvimento Educacional de Multimídias Sustentáveis. In: MEIRA, L. e BLIKSTEIN, P. Ludicidade, jogos Digitais e Gamificação na Aprendizagem. Porto Alegre, ed. Penso. 2020



PROUT, A. Reconsiderando a nova sociologia da infância. Cadernos de Pesquisas, v. 40, n. 141, p. 729-750, 2010.

QVORTRUP, J. A. A Infância como categoria estrutural. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 631-643, 2010.

SARMENTO, M. J. Uma agenda crítica para os estudos da criança. Currículo sem Fronteiras, Braga, Portugal v. 15, n. 1, p. 31-49, jan./abr, 2015.

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. Educação e Sociedade, Campinas, SP, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

_____. Infância, exclusão social e educação como utopia realizável. Educação & Sociedade, Campinas, SP, v. 23, n. 78, p. 265-283, 2002

TOLEDO, V.M; BARRERA-BASSOLS, N. A Memória Biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

2807

Realização:



Apoio:

